



## PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Doutorado - Período 2011/3

### NOVOS CONCEITOS INDÍGENAS

Segunda-feira, das 15:00 às 18:00, Sala A-III-8 - Novo ICH  
João Dal Poz Neto – Pasta Xerox 518

#### Programa do curso

A tradição antropológica é fiadora da enorme importância do ritual nas chamadas “sociedades primitivas”. Todavia, inventariado em meio aos fenômenos religiosos (Leach 1968), não figurava como o objeto central da investigação. A obra seminal de Van Gennep, *Les Rites de Passage* (1909) introduziu uma nova abordagem para o tema, ao tratar dos rituais em si mesmos, focalizando seus elementos e mecanismos básicos - não mais como apêndice do mundo mágico ou religioso (Da Matta 1978).

Em primeiro lugar, destacou-se a natureza simbólica do ritual. Radcliffe-Brown (1922) propôs certas regras para estudar o significado de costumes ou gestos rituais: considerar a explicação do nativo, comparar os diferentes contextos onde aparecem e relacionar os que estão reunidos num mesmo contexto. Edmund Leach (1968) sugeriu uma analogia entre as sentenças de prosa e as seqüências rituais, semelhante ao método estruturalista de Lévi-Strauss (1975) para o estudo dos mitos, ainda que mais interessado na função comunicativa do ritual. Victor Turner (1967; 1974) buscou interpretar os rituais Ndembu dentro de um processo social global, valorizando a exegese nativa dos símbolos e enfocando sua ação social. Em termos de método, o ritual deveria ser considerado um instante privilegiado no continuum da vida social, da qual se diferenciava pela dramatização de temas e questões fundamentais para a sociedade (Turner 1967). Roberto Da Matta (1983) ponderou que “os rituais não devem ser tomados como momentos essencialmente diferentes (em forma, qualidade e matéria-prima) daqueles que formam e informam a chamada rotina da vida diária”, e chamou a atenção para o processo de ritualização, que é a maneira como “elementos triviais” são deslocados de um domínio a outro e, reelaborados como símbolos através de mecanismos de reforço, inversão e neutralização, engendram momentos ou eventos extraordinários. E nesse processo, certos temas e questões são colocados em foco. Por exemplo, Fortes (1962) argumentou que os rituais Tallensi não somente legitimam os detentores de cargos públicos, mas são ao mesmo tempo um exercício da autoridade que eles detêm: “É desempenhando sua parte de acordo com as normas e sanções que o legitimam que ele é incorporado na estrutura social”.

Neste semestre, o programa do curso explorará o tema do ritual nos seus aspectos teóricos, metodológicos e etnográficos, enquanto um evento privilegiado que, em campo e fora dele, tem afetado decisivamente o próprio arcabouço conceitual de que dispõem os antropólogos. Evento de múltiplas dimensões que se atualiza mediante palavras e gestos, símbolos e atividades, objetos e participantes, esquemas e improvisações, à semelhança da vida cotidiana, mas que dela se distingue por uma intensidade singular, uma metamorfose pitoresca, um deslocamento acentuado, um ritmo mais frenético, uma diferença estilística ou alguma outra inflexão análoga. Veremos como, para alguns autores, pensar o ritual é pensar a sociedade, enquanto uma cadeia sintagmática de relações e acontecimentos socialmente relevantes; e para outros, o ritual oferece um modelo para a vida social, um esquema paradigmático que lhe confere um significado basilar. Num e noutro caso, o ritual há de ser estudado enquanto fato social total, de acordo com a expressão consagrada de Mauss. A bibliografia indicada, ademais, propõe a construção de um panorama comparativo alargado, de modo a estimular a reflexão metodológica e a discussão teórica de etnografias de vários tipos de rituais documentados em diferentes sociedades.

#### Avaliação:

Trabalho analítico, com formato e extensão de um artigo de periódico científico, a partir da bibliografia de leitura obrigatória.

#### Calendário:

Dias letivos: agosto: 15, 22 e 29; setembro: 12, 19 e 26; outubro: 3, 10, 17, 24 e 31; novembro: 7, 17 (quinta, das 9-12 hs), 21; 28; e dezembro: 5 (reserva).

#### SESSÕES E TEXTOS:

##### 1. Apresentação do programa

##### 2. Ritual e suas definições

BATESON, Gregory. 1941. Experiments in thinking about observed ethnological material. *Philosophy of Science*, vol. 8, n. 1, p. 53-68.

LEACH, Edmund, R. 1966. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. In: *Philosophical*



- Transactions of the Royal Society of London. Series B, n. 772, vol. 251, p. 403-408.
- LEACH, Edmund. 2000. Ritual. In: The Essential Edmund Leach I (ed. S. Hugh-Jones & J. Laidlaw). New York: Yale Univ. Press., p. 165-173 (1968. Verbete "Ritual". In International Encyclopedia of Social Sciences. London: Macmillan, v. 13/14: 520-526).
- HEUSCH, Luc de. 1978 (1974). Introdução a uma ritologia geral. In: MORIN, E.; PIATTELLI-PALMARIN, M. (orgs.), A Unidade do Homem, vol. III: Para uma antropologia fundamental. São Paulo: Cultrix; Universidade de São Paulo, p. 202-210.
- VALERI, Valerio. 1994. Rito. In: ROMANO, R. (dir.), Enciclopédia Einaudi, v. 30: Religião-Rito. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 325-359.

### 3. Ritos de passagem I

- DA MATTA, Roberto. 1978. Apresentação: Os ritos de passagem de Arnold Van Gennep e o limiar da antropologia moderna. In: A. VAN GENNEP, Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, p. 9-21.
- VAN GENNEP, Arnold. 1978 (1909). Os Ritos de Passagem (Apresentação, R. Da Matta; "Prefácio", "Classificação dos ritos"; "A passagem material"; "Os indivíduos e os grupos"; "Conclusões"). Petrópolis: Vozes, p. 23-51, 157-161.
- GLUCKMAN, Max. Les Rites de Passage. In: GLUCKMAN, Max (org), Essays on the ritual of social relations. Manchester, Manchester University Press, 1966, 1-52.
- LEACH, Edmund. 1974. O tempo e os narizes falsos. In: Repensando a Antropologia. São Paulo: Perspectiva, p. 203-209.
- CSORDAS, T.; DOLE, C. 1977. Provações dos jovens navajos. Religião e Sociedade, vol 1: 9-35.

### 4. Ritos de passagem II

- WILSON, Monica. 2010 (1954). Ritual e simbolismo entre os Nyakyusa. Cadernos de Tradução, 2 (Núcleo de Estudos Ritual e Sociabilidades Urbanas, IFCS/UFRJ), p. 1-18.
- LA FONTAINE, J. S. 1972. Ritualization in women's life-crises in Bugisu. In J. S. La Fontaine (ed.), The interpretation of ritual. London: Tavistock, p. 157-185.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1978. Os mortos e os outros. São Paulo, Hucitec, p. 42-73, 95-111.
- LEACH, Edmund R. 2000. Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico. Mana 6 (1), p. 31-56.
- TURNER, Victor. Liminaridade e communitas. In: O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 116-159.

### 5. Magia, feitiços e curas

- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande (capítulos "Os adivinhos", "O treinamento de um noviço na arte da adivinhação" e "O lugar dos adivinhos na sociedade Zande"). Rio de Janeiro: Zahar, p. 107-164.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, 1975 (1949). A eficácia simbólica. In Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 215-236.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1975 (1949). O feiticeiro e sua magia. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 193-213.
- GOLDMAN, Marcio. 1985. A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé. Religião e Sociedade, 12 (1): 22-54.
- TAMBIAH, Stanley Jeyara. 1985. Form and meaning of magical acts. In: Culture, thought, and social action: an anthropological perspective. Cambridge: Harvard University Press, p. 60-86.
- MOL, Annemarie. 2002. Cutting surgeons, walking patients: some complexities involved in comparing. In: John Law & Annemarie Mol (eds.), Complexities: social studies of knowledge practices. Durham: Duke University Press, p. 218-257.

### 6. Cultos religiosos

- BASTIDE, Roger. 2006. A expressão da oração nos povos sem escrita. In: O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, p. 146-176.
- BASTIDE, Roger. 1973. O mundo dos candomblés. In: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 249-291.
- MOURA, Margarida Maria. 1983. A morte de um rei do Rosário. In: J. S. MARTINS (org.), A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo: Hucitec, p. 228-246.
- BRANDÃO, Carlos R. 1973. O Divino, o Santo e a Senhora (capítulos: "Os dias de novena e festa", "Pessoas e personagens" e "As razões da festa"). Rio de Janeiro: FUNARTE, p. 15-74.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008. O suplício do Papai Noel. São Paulo: Cosac Naify.

### 7. Sacrifício, sacrifícios

- MAUSS, M.; HUBERT, H. 1981 (1899). Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. In: Ensaio de Sociologia: São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 141-227.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. 1956. Nuer religion (capítulos "Sacrifice" e "The meaning of sacrifice"). Londres: Oxford University Press, p. 197-230, 272-286.
- FIRTH, Raymond. 1963. Offering and sacrifice: problems of organization. The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, Vol. 93 (1), p. 12-24.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986. Canibalismo e disfarce ritual (ano letivo 1974-1975). In: Minhas palavras. São Paulo: Brasiliense, p. 140-148.
- DAL POZ, João. 1993. Homens, animais e inimigos: simetrias entre mito e rito nos Cinta-Larga. Revista de Antropologia, 36: 177-206.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. Xamanismo e sacrifício. In: A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naify, p. 459-472.

### 8: Temas ameríndios

- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1985. Vingança e temporalidade: os Tupinambá. Journal of the Societé des Américanistes, 71 (1): 191 – 208.
- SZTUTMAN, Renato. 2007. Cauim pepica: notas sobre os antigos festivais antropofágicos. Campos (UFPR), v. 8, p. 45-70.
- ERIKSON, Philippe. 2000. 'I', 'uuu', 'shhh': gritos, sexos e metamorfoses entre os Matis (Amazônia Brasileira). Mana 6(2): 37-64.
- MENGET, Patrick. 1993. Notas sobre as cabeças mundurucu. In: CASTRO, E. V. de e CUNHA, M. C. da (orgs.), Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP, FAPESP, p. 311-321.
- SEEGER, Anthony. 1977. Porque os índios Suyá cantam para as suas irmãs? In: G. VELHO (org.), Arte e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, p. 39-63.
- POLLOCK, Donald. 1986. Culina shamanism: gender, power, and knowledge. In E. J. M. LANGDON; G. BAER (eds.), Portals of power: shamanismo in South America. Albuquerque: Univ. of New Mexico Press. p. 25-40.
- ABREU, Stela Azevedo de. 2004. Aleluia e o banco de luz: messianismo indígena no Norte Amazônico. Campinas: UNICAMP/CMU, p. 71-113.

### 9: Carnaval, festas e folguedos

- BURKE, Peter. 1989. O mundo do carnaval. In: Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, p. 202-228.
- DA MATTA, Roberto. 1997 (1978). Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro (capítulos "Introdução" e "Carnavais, paradas e procissões"). Rio de Janeiro: Rocco, 1979, p. 15-84.
- MAGNANI, José Guilherme C. 1984. A rede de lazer. In: Festa no pedaço. São Paulo, Brasiliense, p. 120-169.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1973. A Dança de São Gonçalo, fator de homogeneização social numa comunidade do interior da Bahia. In: O campesinato brasileiro. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, p. 137-156 (tb. in: Revista de Antropologia, 6 (1): 39-52, 1958).
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, 2002. Os sentidos no espetáculo. Revista de Antropologia, 45 (1), p. 37-78.
- ALVES, Isidoro M. da Silva. 1980. O Carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém (capítulo: "O Círio"). Petrópolis, Vozes, p. 37-73.
- BRANDÃO, Carlos R. 1974. Cavalhadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás (capítulos 2 e 5). Goiânia: Oriente, p. 35-53, 115-133.

### 10: Solenidades públicas

- GLUCKMAN, Max. 1974. Rituais de rebelião no sudeste da África. In: Cadernos de Antropologia, n. 4. Brasília: Universidade de Brasília.
- FORTES, Meyer . 2010 (1936). Festivais rituais e coesão social no interior da Costa do Ouro. Cadernos de Tradução, 3 (Núcleo de Estudos Ritual e Sociabilidades Urbanas, IFCS/UFRJ), p. 1-18.
- GINZBURG, Carlo. 1991. Saques rituais: preâmbulo de uma investigação em curso. In: A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, p. 143-167.
- SAHLINS, Marshall. 1990. Ilhas de história (capítulos: "Introdução" e "O Rei-Estrangeiro, ou Dumézil entre os Fiji"). Rio de Janeiro: Zahar, p. 7-21, 106-139.
- VALERI, Valerio. 1990. Autonomy and heteronomy in the Kahua ritual: a short meditation on Huaulu society.

Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde, 146 (1), p. 56-73.

SURRALLÉS, Alexandre. 2003. Face to face: meaning, feeling and perception in Amazonian welcoming ceremonies. J. Royal Anthropol. Inst. (n.s.) 9, p. 775-791.

SEGALÉN, Martine. 2005. Ritos y rituales contemporáneos. Madrid: Editorial, p. 75-130.

### 11. Técnicas corporais

LEACH, Edmund. 1983. Cabelo mágico. In Edmund Leach. São Paulo: Ática, p. 139-169.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1979. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. Boletim do Museu Nacional (Série Antropologia), n. 32, p. 40-49.

CLASTRES, Pierre. 1978. Da tortura nas sociedades primitivas. In: A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 123 -131.

LE BRETON, David. 2010. Anthropologie de la douleur (capítulo: "Doleur et torture: la fracturation de soi"). Paris: Métailie, p. 135-155.

LE BRETON, David. 2004. Sinais de identidade. Tatuagens, piercings e outras marcas culturais (capítulo "Identidades à flor da pele"). Lisboa: Miosótis, p. 93-172.

CAIAFA, Janice, 1985. Movimento Punk na cidade (capítulos I a VII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 12-44.

MOL, Annemarie. 2002. The body multiple: ontology in medical practice (capítulo "Coordination"). Durham; London: Duke University Press, p. 53-85.

### 12. Palavras mágicas

FIRTH, Raymond. 1972. Verbal and bodily rituals of greeting and parting. In: La Fontaine JS (ed.), The interpretation of ritual. London: Tavistock, p. 1-38.

URBAN, Greg. 1986. Ceremonial dialogues in South America. American Anthropologist, vol. 88(2): 371-386.

URBAN, Greg. 1988. Ritual wailing in Amerindian Brazil. American Anthropologist, vol. 90(2): 385-400.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1975 (1949). Estrutura e dialética. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 267-276.

GARDNER, D. S. 1983. Performativity in ritual: the Mianmin case. Man, New Series, 18 (2), p. 346-360.

TAMBIAH, Stanley Jeyara. 1985. Magical power of words. In: Culture, thought, and social action: an anthropological perspective. Cambridge: Harvard University Press, p. 17-59.

WAGNER, Roy. 1972. Habu: the innovations of meaning in Daribi religion (capítulos: "Introduction: The masks of meaning", e "Conclusion"). Chicago: Univ. Chicago Press, p. 3-13, 168-175.

### 13. Objetos, signos e símbolos

PEIRCE, Charles Sanders. 2007 (1894). O que é um signo? FACOM (FAAP, São Paulo), 18, p. 46-56.

BASTIDE, Roger. 1973. A cadeira de Ogã e o poste central. In: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 325-333.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. 1973 (1939). Tabu. In: Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Vozes, p. 167-190.

HUBER, Peter B. 1980. The Anggor bowman: ritual and society in Melanesia. American Ethnologist, 7 (1), p. 43-57.

SANTOS, Gilton Mendes dos; SANTOS, Geraldo Mendes dos. 2008. Homens, peixes e espíritos: a pesca ritual dos Enawene-Nawe. Tellus, ano 8, n. 14, p. 39-59.

WILSON, Monica. 1972. The wedding cakes: a study of ritual change. In J. S. La Fontaine (ed.), The interpretation of ritual. London: Tavistock, p. 187-201.

BECKER, Howard S. 2008 [1963]. Tornando-se um usuário de maconha. In: Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, p. 51-67.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1989 (1962). O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, p. 28-53, 70-82, 243-271.

### 14. Objetivos e métodos

RADCLIFFE-BROWN, A.R. 1977. The interpretation of Andaman Island ceremonies. In: The social anthropology of Radcliffe-Brown. London,; Henley; Bosto: Rotledge & Kegan Paul, p. 73-102 (*excertos de* The Andaman Islanders. New York: The Free Press of Glencoe, 1964, p. 232-246, 257-259, 264-265, 297-307, 324-328).

BATESON, Gregory. 2006 (1958). Naven (capítulos: "Método de apresentação", "As cerimônias do naven", "Conceitos de estrutura e função", "A expressão do ethos do naven" e "Epílogo de 1936"). São Paulo: Edusp, p. 69-97, 237-253, 287-296.

LEACH, Edmund. 1996 (1964). Sistemas políticos da Alta Birmânia (capítulos: "Introdução" e "Conclusão"). São Paulo: Edusp, p. 65-80, 321-333.

TURNER, Victor. 1967. Symbols in Ndembu ritual. In: The forest of symbols: aspects of ndembu ritual. Ithaca: Cornell University Press, p. 19-47 (trad. port. "Símbolos no ritual Ndembu". In: Floresta de símbolos. Niterói: EdUFF, 2005, p. 49-82).



GEERTZ, Clifford. 1978. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, p. 278-321.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. A lógica do mito e da ação: o movimento messiânico canela de 1963". In: Cultura com aspas, São Paulo: Cosac & Naify, p. 15-49.

#### 15. Teorias do ritual: significado e performance

HOUSEMAN, Michael; SEVERI, Carlo. 2009. Naven ou le donner à voir: Essai d'interprétation de l'action rituelle (capítulos: "Définir la forme rituelle", "L'unité du rituel" e "Définir le symbolisme rituel"). Paris: CNRS-Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, p. 161-254.

DOUGLAS, Mary. 1996. Away from ritual. In: Natural symbols: explorations in cosmology. London; New York: Routledge, p. 1-19.

GEWERTZ, Deborah; ERRINGTON, Frederick. 1991. Twisted histories, altered contexts: representing the Chambri in a world system (capítulo: "The initiation: making men in 1987"). Cambridge: Cambridge University Press, p. 58-100.

TAMBIAH, Stanley Jeyara. 1985. A performative approach to ritual. In: Culture, thought, and social action: an anthropological perspective. Cambridge: Harvard University Press, p. 123-166.

SPERBER, Dan. 1978. Significação ausente. In: O Simbolismo em geral. São Paulo: Cultrix, p. 58-87.

STRATHERN, Marilyn. 1991. Partial connections (capítulo: "Full of trees, full of flutes"). Walnut Creek: Altamira, p. 63-76.

LÉVI-STRAUSS, C. 1971. Finale. In: L'homme nu (Mythologiques, IV). Paris: Plon, p. 559-621.